

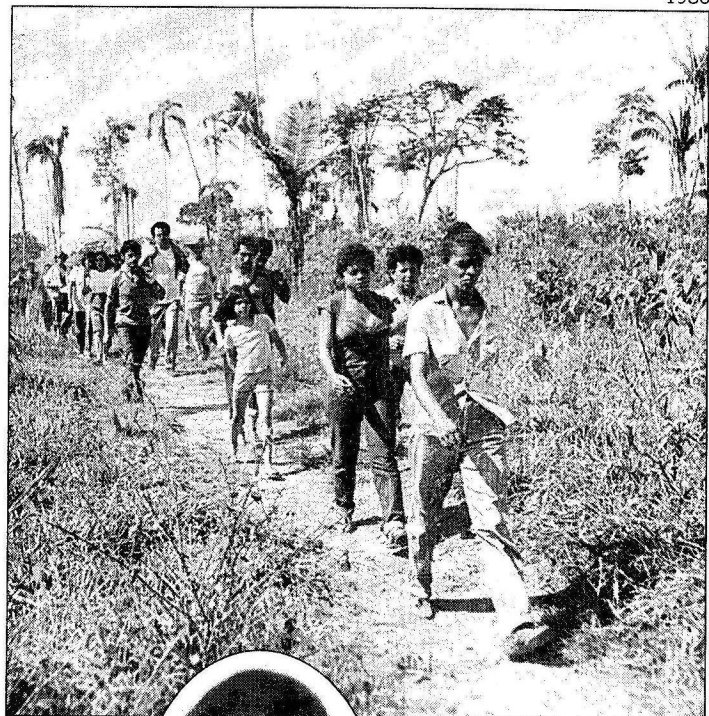
ELEIÇÕES 2010

Fotos de arquivo pessoal



Os primeiros passos num seringal

• Marina Silva nasceu Maria Osmarina em 8 de fevereiro de 1958 em Breu Velho, num seringal. Colheu látex quando criança. A mãe, Maria Augusta, morreu quando ela tinha 15 anos. A menina de saúde frágil contraiu hepatite e foi se tratar na capital, onde começou a estudar. Foi alfabetizada depois dos 16 anos, pelo Mobral. Na foto acima, aparece aos 17 anos, de azul, entre duas freiras. Marina concluiu supletivo e formou-se em História. Ajudou comunidades eclesiais de base e entrou no movimento sindical. O sonho de ser freira deu lugar à militância. Na foto de 1986, Marina lidera uma marcha de seringueiros.



1986



Parceria política com Chico Mendes

• Com Chico Mendes, Marina fundou a CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Acre, em 1984. No ano seguinte, aos 27 anos, ela se formou em História e, no mesmo período, se filiou ao PT para disputar uma vaga na eleição para deputado federal. Fez uma dobradinha com o amigo ativista, que saiu como candidato a deputado estadual. Na foto abaixo, ela aparece com Chico

Mendes (de camisa verde) e o escritor acreano Gregório Filho. A falta de recursos da campanha fica nítida no carro usado para promover os candidatos, uma Brasília velha coberta com cartazes. Os dois perderam a eleição. Três anos depois, Chico Mendes foi assassinado. No mesmo ano, Marina foi eleita vereadora por Rio Branco e, em 1990, deputada estadual.

Fotos de arquivo pessoal



1994



1986

Em busca de mais uma superação

Marina Silva venceu a pobreza e problemas de saúde para chegar a uma disputa presidencial

Evandro Éboli, Catarina Alencastro e Tatiana Farah

• BRASÍLIA e SÃO PAULO. Franzina e de fala mansa, a senadora Marina Silva (PV-AC) será lançada oficialmente hoje candidata à Presidência pelo PV com desafios pela frente e um currículo marcado pela superação. Driblou a pobreza nos seringais do Acre, enganou a morte — que levou dois de seus dez irmãos — depois de vencer cinco malárias, três hepatites, a leishmaniose e a contaminação por mercúrio causada pelo tratamento da doença. A hoje presidencialista passou pela Câmara de Vereadores de Rio Branco e pela Assembleia Legislativa do Acre, pelo Senado e pelo Ministério do Meio Ambiente de Lula.

Marina ajudou a incluir assuntos como biodiversidade e desenvolvimento sustentável na pauta nacional. Deixou o ministério em maio de 2008, depois de duelo com os então ministros Dilma Rousseff e Mangabeira Unger por causa dos licenciamentos ambientais. Em 2009, deixou o PT e filiou-se ao PV.

PV ganha visibilidade

• Começa a corrida presidencial com a certeza de ao menos uma vitória: a de que será a candidata do Partido Verde com melhor desempenho numa eleição presidencial. O percentual de votos que obteve em outubro, a não ser que aconteça uma reviravolta, será maior que o 0,18% de Fernando Gabeira, em 1989, e que o 0,31% de Alfredo Sirkis, em 1998. Nas pesquisas eleitorais, a senadora hoje oscila entre 9% e 12%.

Entre os desafios, um tem caráter pessoal, que é forçar a entrada da questão ambiental no debate eleitoral, tentando quebrar a polaridade entre os discursos da petista Dilma Rousseff e do tucano José Serra. Marina terá a incumbência de tirar o partido do nanismo, agregando apoio em torno de suas bandeiras e em prol da ética e dos valores morais.

— A candidatura de Marina é para ganhar. Dos três candidatos, é quem melhor encarna o momento que o Brasil está vivendo e o que seria o pós-Lula — aposta Alfredo Sirkis, um dos coordenadores da campanha.

— A candidatura da Marina já é um sucesso porque elevou o debate dos direitos socioambientais e do desenvolvimento limpo para o patamar da disputa presidencial — afirma André

Lima, coordenador de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia.

Verdes históricos e dirigentes de ONGs ligadas ao meio ambiente apostam que a candidatura dela vai não só ajudar a aumentar a bancada do partido na Câmara, mas dar uma visibilidade que o partido jamais teve.

Egressa do PT, partido onde militou por 25 anos, Marina tem assumido a posição de ataque ao governo atual e ao passado. A senadora se apresenta como alternativa realmente nova, “alguém que não fará mais do mesmo”, costuma dizer. Lembra que o eleitor, ao votar, estará escolhendo o modelo de desenvolvimento que quer deixar para as próximas gerações.

— Quero convidar o eleitor a transformar o Brasil que temos, para construir o Brasil que queremos — resumiu ela ao GLOBO.

— A presença da Marina acaba com a ideia de que discutir meio ambiente é falar de bichinho e de florzinha. É mais. É tratar de crise climática, avanço econômico com desenvolvimento sustentável, economia verde. Isso é o moderno — disse Paulo Adário, coordenador da campanha Amazônia do Greenpeace.

Nem só de meio ambiente está composto o programa de governo de Marina. Entre suas bandeiras, a criação de programas sociais da chamada terceira geração, focados na educação e na capacitação dos beneficiários do Bolsa Família. A ideia é colocar pessoas hoje abaixo da linha de pobreza no mercado profissional. Outro tema precioso é a educação. Alfabetizada aos 16 anos, ela defende a criação de um Sistema Único da Educação.

— Comecei a estudar em setembro de 1975, fiz o Mobral e me alfabetizei em 15 dias. Fiz o primário em menos de três meses e terminei, depois o Primeiro e o Segundo grau em menos de três anos — lembra Marina.

Casada, mãe de quatro filhos, Marina é evangélica e integrante da Assembleia de Deus. Contrária ao aborto, propôs um plebiscito para que a população possa decidir sobre o tema. Filada a um partido quase invisível, sem direito a inserções na TV e tempo exigido de propaganda eleitoral, ela foi buscar na modernidade eletrônica o



André Coelho/ 19-05-2010

Candidata ao Planalto

• Depois de 25 anos no PT, Marina deixa o partido em agosto de 2009 e se filia ao PV, lançando-se à Presidência. “Também sou negra, mas seria pretensioso da minha parte me apresentar como similar ao Obama”, disse. Tenta se apresentar como uma alternativa à queda-de-braço entre tucanos e petistas.

Edson Luiz/ 13-10-1994



Senadora da Amazônia

• Foi a senadora mais jovem da história, eleita em 1994, aos 36 anos. Reelegeu-se em 2002.

niche para conquistar eleitores. Em blogs, no Twitter e no Youtube, a campanha ganha visibilidade.

Para o deputado Fernando Gabeira (PV-RJ), que discursa hoje, Marina venceu a primeira fase da pré-campanha ao conseguir se firmar como candidata, com projeto próprio e conectada a uma mídia eletrônica alternativa.

— Marina conseguiu a simpatia dos jovens, e há espaço para crescer, apesar do pouco tempo de TV — diz ele.

Marina pediu a ajuda do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) para montar um sistema que vai mapear as áreas de risco nas metrópoles e



Gustavo Miranda/ 26-08-2005

No governo, combate ao desmatamento e crises

• Com a eleição de Lula, assumiu o Ministério do Meio Ambiente em 2003. Combateu o desmatamento e criou instituições de fiscalização. Viveu crises com a então ministra Dilma Rousseff, pela demora em liberar licenças ambientais, e com Mangabeira Unger. Entregou o cargo em 2008. “Perco o pescoço, mas não perco o juízo”, disse à época.

em outros 500 pontos do país. O objetivo é alertar pessoas que moram nessas áreas para evitar mortes.

A candidatura de Marina é tida como novidade na campanha, polarizada entre petistas e tucanos. Já se atribui a ela peso decisivo num eventual segundo turno entre Serra e Dilma. Para o lado que a senadora pender, estaria o vencedor do pleito. Um aspecto favorável a Marina é que dificilmente ela terá oposição nessa campanha. Até partidários de outras candidaturas a elogiam.

— Marina tem uma história de vida exemplar, goza de respeito até fora do Brasil, por suas lutas ambientais. Trou-

xe o debate sobre o meio ambiente para a campanha — diz o deputado Jorge Khoury (DEM-BA), presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara.

Relembrando momentos importantes de sua carreira ao GLOBO, Marina elegeu a morte do ativista Chico Mendes como um marco.

— Foi um momento triste, uma sensação de desamparo. Em mim nasceu um grande senso de responsabilidade com a causa ambiental. Não tem mais Chico Mendes, e agora a responsabilidade é nossa. O que era feito por um, precisaria ser feito por todos. Continuo tentando fazer a minha parte até hoje. ■